

GARGALO ANTES DA RIQUEZA

BAIXA PRODUTIVIDADE NÃO DEIXA O BRASIL CRESCER

Brasileiro trabalha muito mais que estrangeiros para produzir igual

MIKAELLA CAMPOS
mikaella.campos@redgazeta.com.br

Há mais de cem anos Henry Ford entoava o lema de produção máxima – com qualidade e custo baixo mesmo pagando bons salários. O Brasil, por sua vez, em pleno século XXI, ainda não descobriu a fórmula para aumentar sua produtividade. Ainda falta ao país capital humano preparado para gerar riqueza e desenvolvimento capazes de levar a nação ao seleto grupo dos países ricos. Excesso de impostos e burocracia também atrapalha.

Essa deficiência nos resultados, mascarada pelos bons números da economia nos anos 2000, tornou-se mais patente neste momento em que o Brasil anda à

beira da recessão. A produtividade do trabalhador – relação entre o PIB e a população ocupada –, no Brasil, em 2013, correspondia a 14% da eficiência de um trabalhador norte-americano, de acordo com a associação The Conference Board.

Os entraves vão além dos investimentos aquém do esperado e da pouca inovação. A baixa qualificação da mão de obra e a educação básica precária são as principais adversidades que impedem o avanço brasileiro.

Um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostra que o país seria 40% mais lucrativo se tivesse as taxas de escolaridade da Coreia do Sul. Por outro lado, o retorno seria de 18%

DESCOMPASSO

44 horas

jornada do brasileiro
Essa é a média de horas que o brasileiro trabalha por semana.

38 horas

jornada dos alemães
Apesar de trabalhar menos horas que o brasileiro, a produtividade dos alemães é quatro vezes maior.

caso os investimentos aplicados no país acompanhassem os da Coreia.

Responsável pela análise, o professor Pedro Cavalcante Ferreira, também coordenador FGV Crescimento & Desenvolvimento, explica que a baixa produtividade brasileira é um problema estrutural que vai exigir soluções de longo prazo. “Temos uma educação marginal. No setor de serviços, 33% da nossa mão de obra não têm educação fundamental completa. Na Coreia, apenas 8% da população tem baixa educação”, compara.

São muitos os cálculos de produtividade, mas quase todos apontam que, no decorrer das últimas décadas, produtividade brasileira

pouco evoluiu. Está estagnada e longe de alcançar economias em processo de desenvolvimento ou maduras.

Os reflexos dessa ineficiência são sentidos no custo unitário do trabalhador, índice que calcula a diferença entre a receita proporcionada pelo empregado e a despesa com os encargos trabalhistas. A alta foi de 9% entre 2002 e 2012.

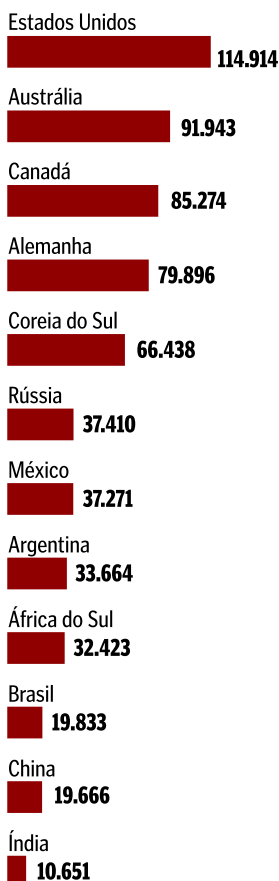
Já o desempenho por hora trabalhada avançou apenas 0,6% no mesmo período. Esse índice de produtividade é 11 vezes menor que o resultado dos sul-coreanos (6,7%) e sete vezes inferior ao dos Estados Unidos (4,4), segundo estudo da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Na prática, o brasileiro, de acordo com dados da Organização Mundial do Trabalho, que tem uma jornada de 44 horas de trabalho, mesmo assim produz quatro vezes menos que o trabalhador alemão, que tem uma rotina semanal de 38 horas de dedicação ao emprego.

“As pessoas se chocam quando ouvem que um americano corresponde a cinco brasileiros. Isso é resultado da educação fraca e da ausência de qualificação técnica. Ainda hoje temos um sistema educacional deficitário. Só 50% das pessoas que entram na escola concluem o ensino médio”, diz o economista e coordenador da Faculdade Pio XII, Marcelo Loyola Fraga.

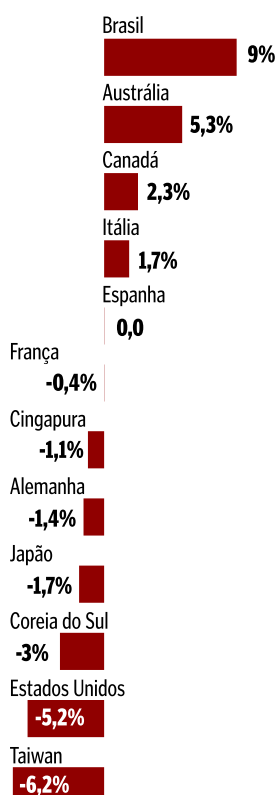
MUITO ESFORÇO, POUCO RESULTADO

Produtividade do trabalho, em 2013, em dólares (PIB/trabalhador ocupado)



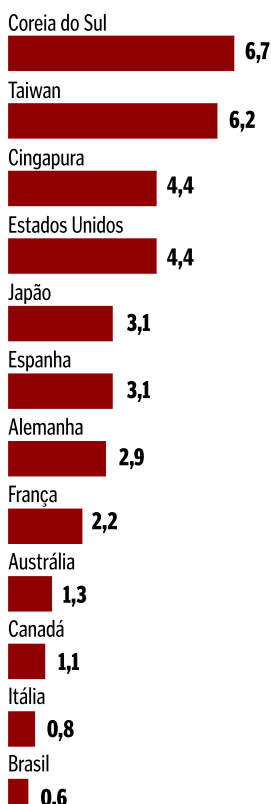
Custo Unitário do Trabalho (diferença entre gasto com salário e retorno com produção)

A taxa anual média de crescimento entre 2002 e 2012 revela que o salário do brasileiro vem crescendo acima de sua produtividade

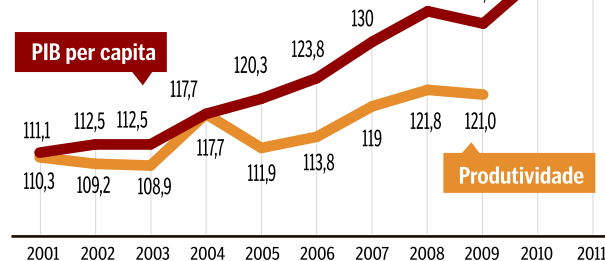


Produtividade do trabalho (produto por hora trabalhada)

Taxa anual média de crescimento de 2002-2012



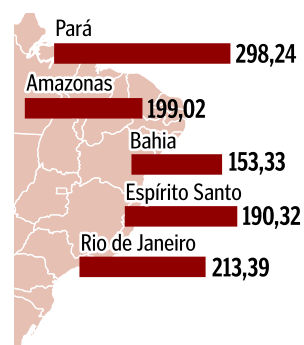
PIB per capita cresce, mas produtividade não acompanha



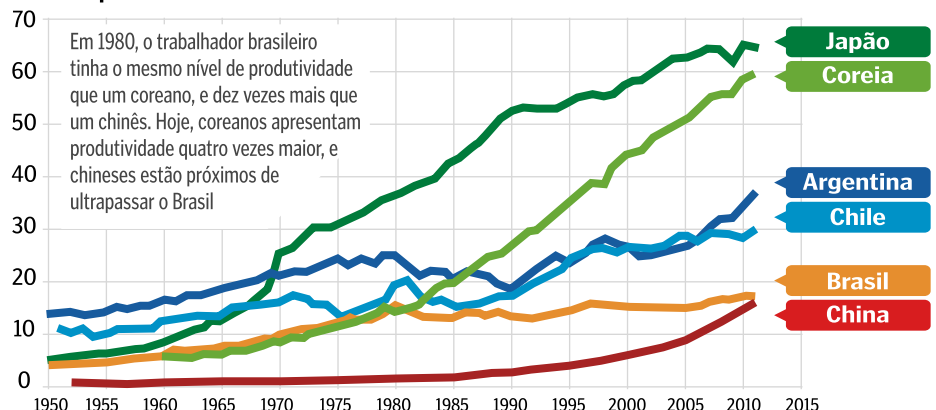
Salário cresce mais que produtividade

	Crescimento acumulado entre 2003 e 2013	Crescimento anual
Remuneração média do trabalho	46%	3,9%
Produtividade do trabalho	21,1%	1,9%

Ranking da produtividade do trabalho nos Estados, em 2011 (valor da transformação industrial / taxa de ocupação)



Nível de produtividade do trabalhador brasileiro não cresce desde 1980



Fonte: Secretaria de Assuntos Estratégicos



Os engenheiros Rafael Pimentel e Thiago Vasconcelos desenvolveram um software que acompanha projetos para deixá-los com um maior indicador de produtividade

Espírito Santo é o quarto em produtividade no país

Fora da curva nacional quando o assunto é eficiência nos negócios, o Espírito Santo tem evoluído na sua produtividade. O Estado é o quarto com maior eficiência do país, segundo o estudo do Instituto de Pesquisa Aplicada (Ipea), “Produtividade no Brasil: desempenho e determinantes”. A análise mostra o valor da transformação industrial em relação a taxa de trabalhadores ocupados no Estado é de 190,32. A média do país é de 101.

Apesar de ser afetada pela crise econômica brasileira, a indústria capixaba tem reagido ao oferecer treinamento aos funcionários e ainda a possibilidade dos profissionais inovarem.

A Columbia Tecnologia criou uma empresa para desenvolver soluções inovadoras. Batizada de Columbia Research, a companhia, que está incubada na TecVitória, criou um software que tem ajudado a acompanhar os projetos

e deixá-los com um maior indicador de produtividade. Além disso, a empresa começou a oferecer capacitação para os profissionais.

O resultado desse trabalho culminou com um aumento significativo de registros de patentes. Em 10 anos o grupo depositou seis ideias no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI). Nos últimos 12 meses, após a adoção dos novos métodos de trabalho,

foram cadastradas sete patentes desenvolvidas.

“Tínhamos dificuldades para tornar os projetos tangíveis. Hoje, além de diversificar os negócios, encontramos formas de motivar a equipe a assumir essas ideias. Outro indicador de produtividade é que fomos convidados a apresentar na feira de óleo e gás do Rio, em parceria com o Ifes, os nossos resultados”, explica o coordenador de projetos, Thiago Vasconcelos.

ANÁLISE

Indústria está agonizando

“A indústria brasileira a cada ano vem perdendo sua força e sua produtividade. O setor de transformação já chegou a representar um quarto do PIB nacional, mas hoje está em 13%. Até 2025, se o cenário de estrangulamento não mudar, vamos ter uma participação de 9% em cima do PIB. As perdas das empresas é uma consequência da evolução dos salários sem um aumento também da produtividade do traba-

lhador. O motivo para que a produção não tenha acompanhado o aumento da renda está relacionado a alta rotatividade no mercado de trabalho, falta injustificada do empregado, afastamentos por doença e até o problema da mobilidade urbana. O Brasil precisa perceber que um país sem indústria não tem identidade.

—
MARCOS GUERRA
PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESPÍRITO SANTO (FINDES)

Burocracia e falta de estrutura são obstáculos

Uma série de deficiências são os empecilhos para que todo o país, inclusive o Espírito Santo, seja conduzido ao processo de geração de riquezas. O diagnóstico sobre o Brasil, realizado pela FGV, expõe essas fragilidades. Elas são constituídas por um complexo sistema tributário, burocracia, má regulação, abertura econômica insuficiente e baixo investimento em tecnologia. Resolver essas pendências são primordiais para tirar o

país do marasmo e levá-lo a uma guinada.

Mesmo em relação a países emergentes o Brasil está atrás quanto à produtividade. Um caso é o Chile, que quase dobrou sua produtividade nos últimos 65 anos, enquanto o Brasil pouco saiu do lugar.

Essa notícia é péssima para um país que almeja ser rico, mas que, porém, não vê sua produtividade crescer há mais de 30 anos, conforme dados do Secretaria

de Assuntos Estratégicos e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

“Não tem mágica para sair do buraco. Temos que melhorar nossa infraestrutura. A legislação brasileira, principalmente a trabalhista, atende interesses políticos. Temos uma economia ainda muito fechada. Somos hostil ao mercado exterior. As empresas brasileiras preferem ser um peixe grande num aquário pequeno que ser um peixe pequeno

num aquário grande”, afirma o professor Pedro Cavalcante Ferreira.

O professor Marcelo Loyola Fraga, da Pio XII, acrescenta que a logística precária é outro fator para a performance irrelevante da produtividade. “Os portos são obsoletos, as estradas não são duplicadas e estão cheias de buracos. É um emaranhado de problemas que compromete a qualidade do trabalho até da pessoa mais qualificada”, afirma.



Pedro Ferreira: “Não há mágica para sair do buraco”